

O Século do Terror

ARTHUR JOSÉ ALMEIDA DINIZ

Professor da U.F.M.G.

O fracionamento da sociedade política européia advindo com a Revolução Russa de 1917 caracterizou-se por virulência desconhecida historicamente e por sua vocação universal. A rivalidade irreversível e irreconciliável dos dois pólos ideológicos — capitalismo e comunismo — alimenta-se reciprocamente. Na medida em que cada um consegue se localizar e se erigir numa razoável maioria ideológica e legítima, seu único ponto de referência, o elemento catalizador consiste em negar e combater o seu antônimo. Luta curiosa de um demente contra sua própria imagem refletida no espelho. Os dois sistemas ideológicos rivais — capitalismo e comunismo — se distanciam de um ideal de humanidade, na medida exata que sua propaganda insiste em afirmar a crença nesses mesmos ideais.

O que descreve melhor a existência dos dois pólos ideológicos antagônicos, autofágicos e contraditórios é sua filiação comum: ambos centros compõem o sistema revolucionário atual que se caracteriza pelo surgimento do universo concentracionário. Este universo concentracionário é o resultado da cristalização de uma crueldade destilada através de séculos. É o fruto amargo do desconhecimento da dignidade humana. Aos poucos, a indiferença ante o sofrimento do Outro, a fantasia de que vivemos em compartimentos estanques, protegidos e isolados, são desvios existenciais que foram aceitos gradativa e comunitariamente. O que caracteriza, ainda, nossa época, é a intensidade, as dimensões planetárias e a passividade global ante o surgimento desse fenômeno ominoso, caracterizado pelo controle cada vez maior de

tudo e de todos, pela prática contumaz da tortura e pelas execuções em massa. Estas aberrações permeiam-se em todos os organismos políticos de todos os Estados contemporâneos. Qual metástase gigantesca, de que a sociedade contemporânea fosse fatalmente atingida. O exercício diário da humilhação coletiva já nos passa despercebido. Fomos lentamente anestesiados pelo medo, pela insegurança e pela vontade instintiva de sobrevivência, o que anula o raciocínio. Com a desculpa da **sociedade de massa** os organismos políticos, militares, partidários, industriais despojam seus subordinados dos últimos arrimos da intimidade. O simples protocolo burocrático de um pedido de empréstimo, por qualquer cidadão, é o simulacro de interrogatórios dignos da Gestapo. As famosas folhas corridas, atestados ideológicos, verdadeiros auto-da-fé são as estações de uma **via-sacra** burocrática. Nos aeroportos internacionais, as autoridades alfandegárias constituem-se em verdadeiros julgadores do Juízo Final. Assumem a atitude paradoxal de filtrarem viajantes individualmente e engolirem complexos industriais obsoletos a preços astronômicos.

Nos dois centros contemporâneos de decisões planetárias, em Moscou e em Washington, os conceitos de segurança nacional já atingiram níveis paranóicos. O universo concentracionário russo foi descrito e teve seus círculos de horrores analisados por Alexandre Solzhenitsyn.¹

Mas estas descrições não querem descrever o colapso total da liberdade para todos: daí a complexidade infinita desse sistema monstruoso. Os cinemas estão cheios, as visitas são feitas, universidades oferecem seus cursos. O terror roça-nos a todos imperceptivelmente².

1. O autor nos dá algumas indicações sinistras para se compreender o enredamento das vítimas: «Assim, onde está o engano? Como eram **trabalhados**? Muito simples: — você quer **viver**? (e mesmo aqueles que não se preocupam absolutamente consigo próprio, preocupam-se com seus filhos e netos): «SOLZHENITSYN, A. **The Gulag Archipelago**. New York, Harper and Row, 1974, p. 397.

2. Uma das coisas que não consigo apreender, embora tenha escrito a respeito, tentando situá-las numa perspectiva suportável, é a relação de tempo. Num ponto prévio, em tempo razoável, Prof. Mehring estava em sua biblioteca, conversando com os filhos, alisando uma

A descrição das chacinas é hoje minuciosamente divulgada pelos meios de comunicação. O terror é descrito e acontece simultaneamente em todos os quadrantes do globo. Mesmo em se sabendo que esta violência exercida com meticulosidade burocrática seja algo absolutamente perverso, convivemos com ela. Como aqueles que sobrevivem às grandes epidemias, às inundações, aos grandes desastres. Daí a dificuldade de se analisar o presente, o que envolveria a busca de um sentido, de uma lógica, tentativa de se explicar o irracional, a paranóia. Entretanto, um comportamento derivado destes desvios vem sendo apreendido informalmente. Atitudes compulsivas de não envolvimento, nada comentar, nada ouvir, nada enxergar, desesperada maquinação do provérbio japonês. Verdades tradicionais, como diria Chesterton, teriam enlouquecido. As promessas de bem estar social, de felicidade individual, tais são os slogans sinistros a justificar programas de extermínio na União Soviética ou torturas e banimento da vida civil no mundo capitalista. As palavras e seus antônimos se tornaram armadilhas, verdadeiros shiboletths. Definir «democracia» em Budapest, Djarkarta ou em Manilla constitui uma proeza. Ao descrevermos este sistema concentracionário, somos levados a imaginar que este possua donos, inventores, senhores. Os responsáveis são inexistentes. Este universo, reunindo carrascos e vítimas, mandantes e mandatários, senhores e escravos, é o fruto da ideologia do poder servido pelo maior desenvolvimento tecnológico jamais vivido na História. Seus personagens não escolheram absolutamente seus papéis. São impotentes tanto o altodignitário domiciliado em Nova Iorque quanto o humilde camponês cambojano esfacelado em seu campo de arroz. O descontrole do jogo do poder é total. A cegueira dos políticos, militares e estrategistas é total. Funcionam todos

toalha branca, numa sexta-feira à noite. (...) Precisamente, à mesma hora em que Prof. Mehring ou Langer estavam sendo exterminados, a pluralidade esmagadora dos seres humanos, a duas milhas, em aldeias polonesas, ou a 5 mil milhas, em Nova Iorque, dormia, comia, ia ao cinema, fazia amor, ou se aborrecia com o dentista. É aqui que falha minha imaginação». (STEINER, G. *Sprache und Schweigen*. Frankfurt am Main, Suhrkap, 1973, p. 189/90).

como autômatos quase, no sistema fechado de decisões a curto prazo. São premidos pelo continuísmo do mando, pensamento obsessivo em dirigir os destinos políticos de suas unidades. A complexidade dos interesses em jogo, aliada à dependência pessoal de cada um dos participantes é parte desse quebra-cabeças. Os dirigentes, as altas personalidades possuem a consciência plena de sua incompetência, do acaso das nomeações que os guindou às altas esferas. Dispostos a todas as manobras para continuarem em posições fantasmas, enredam-se em absurdos compromissos, prisioneiros de contingências.

Tanto nos altos escalões da política norte-americana quanto nos altos dirigentes do Partido Soviético, os líderes aparentes já foram esmagados como seres humanos conscientes e dotados de vontade. O emprego corrente do plural majestático é uma característica: desapareceram como seres autônomos. Títeres de grupos de pressão vigilantes. No seio desses grupos de pressão, o mesmo sistema competitivo, onde a delação e desaparecimentos súbitos constituem medidas correntes.

Estes dois pólos ideológicos, **duopólio** concentracionário,³ secretam uma ciência oficial, comprometida com seus postulados ideológicos. Há uma ciência econômica oficial, ensinada nas Universidades, e uma ciência econômica real, demonstrando **ad nauseam** os desmandos de uma economia capitalista avassaladora e o sacrifício de uma corrida armamentista abafando setores vitais na União Soviética.

Contradição colônia-metrópole em jargão econômico, que criou dois mundos: o desenvolvido e o atrasado. Esta diferença entre o centro e a periferia, que constituem partes integradas de um mesmo todo, criou um circuito civilizado e desenvolvido ao lado do atrasado e subdesenvolvido. Há uma cultura européia e há uma cultura nativa, primitiva ou exótica. Andre Gunder Frank, no prefácio de seu livro «Capitalismo e Subdesenvolvi-

3. Adoto, por sugestivo, o vocábulo empregado por David Rousset ao descrever o condomínio soviético — americano. CF. «Un pouvoir bureaucratique mondial». **Le Monde Diplomatique** Paris, nº 303, junho 1979, p. 36.

mento na América Latina» ao nos relatar sua evolução política, coloca de modo claro a dicotomia colônia-metrópole e uma ciência política subdesenvolvida. Confessa-se como tendo sido fundamentalmente um intelectual esquizofrênico que mantinha separadas suas opiniões políticas e seu trabalho intelectual ou profissional.⁴

Numa entrevista recentemente concedida a André Laude em «Le Monde»⁵ Octavio Paz comenta a tarefa urgente de se repelir a aplicação mecânica, imitativa dos modelos europeus às realidades latino-americanas, que possuem vasto potencial de soluções inéditas, originais. Mas do que o grande poeta e ensaísta mexicano se descuidou foi do comprometimento de toda a sociedade latino-americana com o universo concentracionário. Os fatos históricos nos testemunham tristes verdades. Na Colômbia, entre 1949 a 1953, houve um massacre, quando mais de meio milhão de seres humanos foram dizimados.⁶ Esta hecatombe chega ao público sob a forma de um filme de Hollywood, Romanceado, idealizado. Os assassinatos sistemáticos ocorridos no Brasil, durante as eleições na República Velha, descritos pelo gênio de Mário Palmério, são outro testemunho deprimente. Como então nos horrorizarmos ante os massacres contemporâneos cometidos sob nossos olhos! Existe uma cumplicidade misteriosa entre a vítima e o carrasco.

A manutenção da política do «apartheid» na África do Sul, há anos, atingiu níveis intoleráveis. A cumplicidade dos Estados que comerciam com o governo e empresas sul-africanas é o aceite passivo e desumano dos campos de concentração. O

4. «... aceitando as teorias mais ou menos como me eram entregues e formando meus critérios políticos em resposta ao sentimento que os fatos isolados me inspiravam... Tinha de libertar-me da máxima liberal de que somente a neutralidade política permite ser objetivamente científico, máxima geralmente utilizada para defender a irresponsabilidade social, a ciência pseudo-científica e a reação política... tinha que aprender que a ciência social deve ser política». (FRANK Andre Gunder. **Capitalismo e Subdesenvolvimento na América Latina**. Buenos Aires, Siglo XXI, 1973, p. 7).

5. **Le Monde** ed. intern. Paris, 9 a 15 de agosto de 1979.

6. **Le Monde** ed. intern. Paris 14 a 20 junho, 1979, p. 3.

assassinato sistemático da população negra tem a cumplicidade do envio de armas por parte dos Estados prósperos, ditos «civilizados». A humilhação diária dos operários negros, a condição abjeta de suas vidas constituem o calvário de um povo. Algumas vozes alertam a opinião mundial para os efeitos trágicos que se farão sentir.⁷

O depoimento do escritor sul-africano M. Matshoba sintetiza nossa desmoralização e desmascara a cumplicidade entre o carrasco e a vítima, colocando-os como «forçados numa mesma galé». Qual a razão de tanto sangue? A proposta é a de que durante os séculos de rapinagem na África, na Ásia e nas Américas, o germem dessa violência, descrito por Karl Jaspers (**A questão da culpa alemã**) foi o vírus que contaminou a metrópole. Como Ziegler alertou, não fora o massacre dos judeus, jamais teríamos compreendido o horror que se abateu sobre a África, do mesmo modo, não fossem as guerras e os extermínios de nossos dias, jamais avaliaríamos com espírito crítico os quatro séculos de colonialismo, pilhagem e massacres hediondos. Exatamente hoje o processo contaminou também a metrópole.

7. O genocídio sul-africano é uma das tragédias de nossos dias. Cf. THE TRANSNATIONAL INSTITUTE ed **Black South Africa Explodes**. 1901 Q. Street, NW Washington, D.C., 1978. Ver também a Carta de Elliot P. SKINNER, Professor de Antropologia da Universidade de Columbia, em carta dirigida ao New York Times em 12 de janeiro de 1979.